

# BRASIL - PORTUGAL

1 DE JANEIRO DE 1908

N.º 215

DIRECTOR — Augusto de Castilho.  
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjô.  
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.  
COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa



**O conselheiro Ruy Barbosa, sua esposa e sua filha**

*Esteve ha dias entre nós, durante algumas horas, o eminente juriconsulto brasileiro, dr. Ruy Barbosa. Publicando n'este logar o seu retrato, acompanhado do de sua esposa e d'uma das suas filhas, esta Revista presta ao mesmo tempo uma homenagem modesta mas sincera à nação brasileira que o illustre diplomata tão dignamente representou, ha pouco ainda, na recente Conferencia Internacional da Paz, reunida na Haya.*

# VIDA ELEGANTE

## EM EVIDENCIA



Branca de Gonta Collaço

(Cliché de Redondo—Lisbon).

Se a branca é das camelias a mais bella,  
Se é branca como o lyrio uma alma franca,  
E recta, forte admiração ser ella  
Branca de nome e ter a alma branca.

Se ella do coração extrae poesia  
Como o nectar a abelha extrae da flôr,  
E' que a sua doirada phantasia  
Fôra gerada entre canções d'amor;

É que bebeu no leite o mel do Hymeto,  
É que as mil effusões de um duplo affecto  
Lhe embalaram o berço de creança.

E hoje? Hoje inspira a musa da Saudade  
A esposa, a artista, a mãe, e a realidade  
Veio ainda exceder toda a esperança!

Jayme Victor.

## EM FÓCO

O nosso ministro no Brasil está n'uma situação igual á do sr. João Franco. Asstem-se contra elle todas as más vontades d'este mundo, arme-se uma bateria de doestos, disparem-lhe os adversarios os tiros que quizerem, que elle no seu posto está firme como uma rocha. Tudo isso ao que se vê tem a fragilidade de uma folha de rosa.

Mas, não compete ao *Brasil-Portugal* fazer vaticínios nem coisa que se pareça com politica. Pode só asseverar que os fados hão-de cumprir-se e que só elles sabem marcar os curtos dias ou os longos annos que hão de estar no poder o chefe do governo e o seu delegado no Brasil.

Outra missão aqui nos trouxe: a de acompanhar de palavras singellas o retrato do sr. Lampreia, que actualmente está entre nós. São velhos amigos, elle e o *Brasil-Portugal*, e a muita e antiga consideração que temos pelo seu character, de ninguem já é desconhecida.

Um dos directores do *Brasil-Portugal*, que vae a caminho do Rio de Janeiro, teve, em periodos varios, o feliz ensejo de reconhecer *de visu*, não só na capital brasileira como n'outros Estados da Republica, a estima geralmente votada ao ministro portuguez. Compreendeu bem que n'elle se fundem todas as qualidades indispensaveis a um diplomata nas condições essenciaes em que elle se encontra, e que, velho conhecedor do meio em que tem de se activar a sua missão diplomatica, com aquelle tacto especial que é indispensavel



Conselheiro Camello Lampreia

a quem tenha necessidade de navegar com duas correntes diversas: o elemento portuguez e o elemento brasileiro, o sr. Lampreia realisa completamente este *desideratum* e sabe cumprir este dever. D'ahi as sympathias que todas as classes lhe dispensam no Rio de Janeiro, d'ahi o reconhecer-se que teve um momento de verdadeiro talento politico quem, ha um bom par de annos, o escolheu para nosso representante lá.

Pelas suas qualidades pessoases ficamos nós; pela captivante lhanza do seu tracto, pela sua linha correcta, e pelos seus dotes de coração como chefe de familia e homem de sociedade.

Gillett.

## Estudo

De cabeça em cabeça pedregoso  
se vae sumindo a linha do horizonte,  
n'um serpear monótono e moroso.

Nem uma folha só, nem uma fonte  
perturba este conjuncto de tons pardos,  
que tingem de tristeza o céu e o monte.

Raios do sol aqui, foram bastardos;  
e a brisa não se alfoita a taes abrolhos!  
Somente a ventania agita os cardos,

N'esta arida extensão que cança os olhos!  
E lá no fim do cêrro desolado  
ruge furioso o mar contra os escólhos!

De vida n'este enorme descampado  
não se percebe o indicio mais distante!  
Charneca e mar é tudo abandonado!

Apenas para a banda do levante  
persiste, junto a um muro esburacado,  
— uma figueira velha, agonisante...

Branca de Gonta Collaço

## A MEU PAE

Meu pae!

Do meu sentir, minha ternura,  
fiz estes versos que em raminho escasso  
venho depôr na tua sepultura.

São como uns passarinhos, que do ninho  
não conseguindo alár-se pelo espaço,  
vem acolher-se á paz do teu carinho!

Abriga-os lá, no manto de bondade  
com que aqueceste a minha meninice!  
Nétinhos são da tua magestade!

Que eu não herdei teu genio nem teu geito,  
mas estas rimas diz-m'as a meiguice  
do teu amor, que eu sinto no meu peito!

Lembro-me ainda da expressão divina  
com que tu viste a chammasinha errante  
d'uns versos que eu te fiz em pequinina!

E lembro-me do zêlo, do recato,  
com que alindaste um ponto extravagante  
como a incensar meu éstro timorato.

Devo-te tudo, pae! desde que a vida  
para me dar um grande bem, me deste!  
Mas não ha filha mais agradecida!

Bem vês que adoro as flores que adoraste,  
bem vês que affago a lyra que tangeste...  
— bem vês se choro a pèna que deixaste!...

Estas subtis canções que eu faço agora  
por mais que n'ellas ponho o meu cuidado  
não têm aquelle gosto das de outr'ora!

É que lhes falta a tua sympathia  
o teu sorriso lindo, illuminado,  
que era o sabôr dos versos que eu fazia!

Se lhe sorrisses tu... de formusura  
seria rico este raminho escasso,  
que aqui deponho na tua sepultura!

## A UM BÉBÉ

(ESCUPTURA DE TEIXEIRA LOPES)

Ditoso tu! As outras creancinhas  
hão-de crescer, amár, sentir. . . coitadas!  
Hão-de lutar por vis paixões mesquinhas,  
hão-de morrer, vencidas e cançadas!

Enquanto tu, sorrindo entre covinhas,  
sempre cheio da luz das madrugadas,  
éras verás que tu nem adivinhas,  
tendo a teus pés mil gerações pasmadas!

Sorri, dôce criança! Nada temas!  
Synthetisas as perfeições supremas,  
é immortal a tua pouca edade!

Ai, — quem tivéra o teu feliz destino!  
Sempre sublime, e branco, e pequenino,  
ir vendo desdobrar-se a eternidade!

## NA RUA

(PORQUE NO ALBUM JÁ NÃO CABE)

A' Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Sarah Motta V. Marques.

Grande festa! O templo cheio!  
Já se não pôde romper!  
Vimos tarde, musa, creio,  
porque bem vês... não ha meio  
de lá podermos caber!

Vem um cortejo sahindo...  
— oh, que linda procissão!  
Tanto incenso ao ar subindo!...  
Olha... é o talento, — sorrindo  
sobre o andor da admiração!

Que náda lhe impeça o trilho!  
Deixa passar! Põe-te ao lado!  
Bonito, pois não? Que brilho!!  
— E' o Luiz Guimarães — filho,  
Quem leva o pendão — bordado!

E é muito illustre o cabido!  
— O Condestável do verso...  
O D. João... tão conhecido  
pelo seu éstro florido  
em tantas obras dispêrso!

Nem tu podias, coitada,  
vêr a todos d'uma vez!  
Uns... vão de cára tapada,  
— devoção envergonhada...  
ou foi promessa, talvez!

O que sei, é que este culto  
é a valer! Sim senhores!  
Tanto poeta de vulto,  
tanto artista, n'um tumulto  
juncando a estráda de flôres!

E a inspiradora de tantos,  
tantos preitos verdadeiros,  
lá váe... sorrindo aos mil cantos  
que entôam aos seus encantos  
os seus illustres festeiros!...

.....

Eu, só do fim é que a louvo,  
cá do fim da procissão!  
Mas para ella não é novo:  
as mulherzinhas do povo...  
que devotas que ellas são!...

Branca de Gonta Collaço

## BIBLIOGRAPHIA

## MATINAS

Não sae ha muito tempo dos prelos portuguezes um livro que abranja nas suas paginas tanta belleza de fórma, tão profunda delicadeza de sentimento, idéas tão originaes e observações tão flagrantes.

Ha nas *Matinas* o talento pujante de um poeta, mas só uma mulher podia firmar aquelles versos, porque elles distillam suavemente a quinta essencia do sentimento, que é como que um sexto sentido feminino.

São bellas todas as poesias das *Matinas*, mas desejaríamos ainda assim destacar d'entre ellas as que teem por titulo: *A meu pae*, *O cortejo*, os sonetos do *Meu amor*, *A um bébé*, *Estudo e Flirt*.

Constituem estas joias litterarias a affirmação de um alto valor poetico e accusam uma tão fina sensibilidade artistica que dão a este precioso volume um logar á parte na litteratura do nosso tempo.

A sr.<sup>a</sup> D. Branca de Gonta Collaço, esposa do illustre artista Jorge Collaço, honra a tradição poetica do auctor do *D. Jayme*, e, a nosso ver, enfileira, de hoje em diante, entre as escriptoras que mais teem honrado e engrandecido o seu sexo.

# Mosteiro de Paço de Sousa

Foi uma importante residencia claustral dos beneditinos fundada no seculo x e augmentada no começo da monarchia por Egas Moniz, o nobilissimo fidalgo que perto residia em seu antigo solar e depois alli repousou em artistico tumulo, em que uns baixos relevos estampam o acto de lealdade que tão gloriosamente o salientou na historia.

O notavel aio de Affonso Henriques, que nasceu em 1050 e falleceu em 1146, assistiu á sagração da igreja em 29 de setembro de 1088 e em 1130 doou aos frades o seu paço e terrenos de valor, pois seguia os exemplos dos seus maiores que eram bemfeitores do mosteiro, chegando D. Troycozendo a mandar construir um jazigo de familia em uma capella alli proxima a que chamavam Corporal de Paço de Sousa, onde Egas Moniz esteve sepultado até 1605, anno em que removeram o tumulo para a capella mór da igreja.

Os jesuitas, nos desgraçados tempos do cardeal-rei, conseguiram introduzir-se no mosteiro e apanhar aos frades de S. Bento uma boa parte dos rendimentos; mas os legitimos possuidores lá foram mantendo em parte os seus direitos e, desde a expulsão dos filhos de S. Ignacio de Loiola até á extinção das ordens monachas, alli sustentaram o seu dominio e influencia.

Com a historia d'este convento e pelo modo como floresceu no tempo da fundação da monarchia, destacavam, a sua chronica e os documentos do seu archivo, valiosos elementos para serem aproveitados na illucidação da origem da nacionalidade portugueza. A chronica do Conde D. Henrique, trabalho fundamental da serie das chronicas portuguezas, só poderia fazer-se com o estudo d'este convento e á luz do que se extractasse dos seus velhos documentos e pallidos pergaminhos, empreza que tentou no meado do seculo passado o rev. Velho Barbosa, abade de Leça do Balio, orador sagrado de muito merecimento e investigador archeologico de importancia; mas a morte d'este erudito ecclesiastico veio inutilisar todo o esforço com que elle se consagrava a um estudo de

## Egrejas, mosteiros e capellas



Cêtte. — Mosteiro de Paço de Sousa

(Cliché de Alberto Ferreira — Porto).

assignalada utilidade, ficando apenas a memorar o nome d'este benemerito cultor das boas letras, a *Memoria historica do convento de Leça do Balio* e um notavel elogio funebre de D. Pedro IV: o resto desapareceu!

O nome d'este illustradissimo parcho anda pouco memorado no movimento actual da litteratura portugueza e no emtanto a empreza a que elle se consagrava designa o seu valor, bem como essa notavel memoria do Balio de Leça ostenta o inolvidavel trabalho de investigação sobre o qual o illustre escriptor Arnaldo Gama architectou um dos seus mais bellos romances — *O Balio de Leça*.

O mosteiro de Paço de Sousa, que fica em um sitio formosissimo ao lado da estrada que vae da estação de Cêtte a Entre os Rios, conserva ainda os vestigios da sua primitiva grandeza. A igreja merece bem ser visitada porque tem ainda toda a imponencia e é actualmente destinada ao culto e officios parochiaes. No mosteiro está installado um valioso instituto de beneficencia, fundado por um bemfeitor que o dotou com os recursos precisos para ser utilissimo á educaçáo da mocidade.

O Cruzeiro é uma bella peça architectonica, mas de construcção mais recente do que o mosteiro.

O artistico sepulchro de Egas Moniz passou por varias transformações. Primeiro foi mudado do seu primitivo sitio para dentro da igreja, depois passou por uma profanação que deu em resultado



Cêtte. — Cruzeiro de Paço de Sousa

ser a pedra principal aproveitada para pia de uma fonte e os baixos relevos entalhados na parede da igreja. Mas os ossos?... Os ossos estão guardados na sacristia, acondicionados em uma caixa de zinco e assim se mostram ao visitante que tem a curiosidade de perguntar por elles!...

F. J. PATRICIO.

## A obra dos Seculos

A meu irmão, tenente Rosa Junior

Ha vivos para quem a vida é Morte!  
Ha mortos para quem a morte é Vida!  
Uns são filhos da lueta fratricida,  
Os outros são as victimas da Sorte..

Formam todos a pleiade vencida,  
Essa angustiosa e tragica cohorte  
Que marcha accorrentada á pressáo forte  
D'uma potente mão desconhecida.

Sobre uma onda forma-se outra onda,  
E o turbilhão, que o meu olhar não sonda,  
Como serpente a Humanidade abraça.

E ella, a consciente, impávida caminha,  
Sem forças para o cancro que a definha,  
— O irreductivel cancro da Desgraça!

Horta, 20-11-907.

Manoel Rosa.

# O homem de bem

(Do livro "Sciencioeracia. Socialismo pratico")

Crear o *homem de bem* deve ser o primeiro objectivo da educação; e generalisar a educação com esse objectivo essencial será tornar o *Bem* a vibração vital da Sociedade. Não é porém a deficiência de denominados homens de bem, mas a deficiência da educação moral do vulgar homem de bem, que é seguramente a



Chegada da expedição vencedora do Cuamato  
El-Rei e Sua Alteza o Principe Real indo ao encontro  
dos expedicionarios

(Cliché de A. C. Lima).

principal razão de ainda existirem, no adeantado estado da civilização presente, tantos males sociaes, e a causa de innumerous prejuizos materiaes e moraes, para os individuos, para as familias e para as nações.

Reflecta todo o verdadeiro *homem de bem* nas amarguras da sua vida, e verificará que, fóra dos desgostos motivados por causas naturaes, ou provenientes das paixões humanas, todas as suas desventuras tiveram por origem, directa ou indirecta, a *boa fé* com que



Chegada da expedição vencedora do Cuamato

O capitão Roçadas, commandante da expedição, desembarcando  
na ponte do Arsenal

(Cliché de Benollel).

se acreditou na probidade de consciencia, na lealdade das palavras e dos procedimentos de gente tida e havida por pessoas de bem. Pode mesmo assegurar-se, que no estado ainda tão imperfeito da educação geral, o mentor, que queira salvaguardar o seu pupillo de desventuras e desastres, deve enraizar-lhe na consciencia a necessidade, ainda impreterivel, para nunca ser esquecida, de nunca, nunca, em geral claro está, confiar sem profundo fundamento na boa fé alheia! Isto é infelizmente tão triste, como necessario para o socego e prosperidade individual.

Em todos os tempos a educação moral tem tido por fim crear o — *homem de bem* —; mas basta saber-se, que tempos houve, em que individualidades sublimes como Platão e Catão possuíam escravos para os servir, e os apreciavam como bestas de carga, chegando esse grande luminar da sciencia, que se chamava Aristoteles, a não julgar possível a existencia social sem escravos; e que escravos ainda ha nos nossos dias; lembrar-nos, que ainda em épocas relativamente proximas existia na Europa o *villão* sobre o qual exercia direito de vida e morte o senhor de *baraço e cutello*, e com tal desprezo, que se um accidente se dava, por exemplo um atropellamento durante a marcha de cavalgada de nobres senhores, se respondia a um Rei, que n'essa marcha seguia e inqueria do que se passava: "Senhor, não foi nada, um villão derrubado por um dos



Chegada da expedição vencedora do Cuamato

O sr. arcebispo de Mytylene  
e o sr. conselheiro Ferreira do Amaral

(Cliché de Benollel).

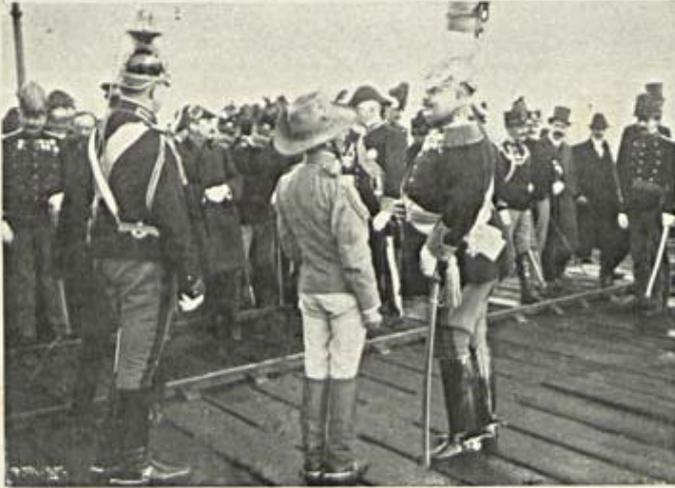
nossos cavallos! — Se recordarmos, que em tempos de tyrannia catholica se creou o officio de denunciador e perscrutador de actos e de sentimentos da consciencia alheia como mister reservado para quem pudesse apresentar registo de honrada estirpe, e se chamava *santo* a esse officio e á função de torturar gente e queimal-a por não commungar na mesma fé religiosa; se não esquecermos, que o assassinio de gente conscienciosa e firme nas crenças chamadas hereticas já foi um dia de S. Bartholomeu proclamado pelos poderes constituídos de uma nação como acção benemerita para os interesses da Patria e para a gloria de Deus; se reflectirmos, que ainda hoje em paizes Mahometanos se appellidam de *caes* os christãos, e que só escotados escaparão, em muitos sitios de Marrocos, de ser victimados pelo desprezo assassino da populaça; se ainda na velha India, berço da civilização, existe a divisão dos homens em *castas*, entre as quaes o *brahmane* se julga perdido para a eternidade se tocado por um *sudra* não se purificar de seguida pelos preceitos rituaes; se attendermos a que a *liberdade de consciencia* foi denominada um dogma diabolico em seculos de já adeantada civilização, e ainda é hoje coisa perigosa de proclamar-se n'alguns paizes do mundo; forçosamente reconheceremos, que a noção do *homem de bem* perante os puros ideaes da evolução humana já attingida, não pode ainda ser considerada geral para todos os povos, differe muito da antiga, e precisa definir-se com clareza ao espirito dos educandos, se queremos attingir pela educação das massas o *Bem* geral, que idealisamos, e que só depende de ser na generalidade cada homem um — *homem de bem*.

A educação da consciencia affigura-se nos ainda muito longe do que deve ser. Basta presenciar os factos de todos os dias na labutação ordinaria da vida para se confirmar a minha these. Entendendo-se por ordem social o simples cumprimento das leis, e não acautelando estas a boa fé dos ingenuos inexperientes contra o egoismo, a deslealdade e o cynismo de gente tida e havida por *gente de bem*, ha dentro da liberdade de procedimentos reciprocos dos individuos entre si uma lucta de sagacidade, que taz vencer na labutação corrente da actividade social e individual o mais astuto, que sem escrupulos explora a boa fé da verdadeira *gente de bem*, e sem hesitação porque não corre perigos dentro da probidade legal do seu meio.

A falta de uma educação perfeita da consciencia permite insensivelmente a esta uma elasticidade suggestionada e justificada

pelo argumento da lucta da concorrência, aberta e facultada á luz do sol e da lei, praticando-se actos do mais perverso egoismo á custa dos interesses alheios, e até com a satisfação íntima de uma consciencia contente do seu *savoir-faire*, cujo exito dentro da legalidade, embora tenha até conduzido á ruína e á miseria individuos e famílias, conquista o respeito e a consideração devidos — *a quem sabe trabalhar com intelligencia, iniciativa opportuna e probidade inatacavel!*

Fóra porém d'estes casos perversos e bastante frequentes, ha muito, muito infortunio causado por apregoados homens de bem.



Chegada da expedição vencedora do Cuamato  
El-Rei conversando com o capitão Alves Roçadas  
(Cliché de Benoit).

Já por um sentimento instinctivo o povo usa dizer, quando quer accentuadamente afirmar qualidades honestas de alguém — *aquillo é um perfeito homem de bem.*

O verdadeiro *homem de bem* ainda é, pois, excepção; mas peor do que isso é a vulgaridade do *falso homem de bem*, que a sociedade aceita como bom e legitimo. Producto de uma educação imperfeita, regula os seus procedimentos por dois principios da mais commoda transigencia, que elle julga traduzirem madureza de espirito, ponderação de bom senso e prudencia reflectida: — *o mundo é o que é, e as cousas são o que são* — E não pretendendo regenerar o mundo, sorri



Chegada da expedição vencedora do Cuamato  
O sr. conselheiro João Franco cumprimentando  
o capitão Alves Roçadas  
(Cliché de Benoit).

E' a falta de um *sentir vehemente* da noção do *dever* que tira á consciencia de gente normal *escrupulos* nos procedimentos.

Os *sem-escrupulos* abrangem uma escala infinita de gradações desde aquelle, que é capaz da perversidade, até aquelle que, sendo mesmo exemplar chefe de familia para o correr da vida, deixa por simples preguiça, ou por mero esquecimento, de acautelar o futuro da familia pelos meios sociaes ao alcance de todos. Parecerá cruel retirar a classificação de homem de bem ao que tem vida exemplar, e, sendo marido e pae extremoso, é apenas um imprevidente que, sem fortuna a legar, deixa descuidosamente de subscrever n'um Montepio, que assegure o modesto pão á familia. Mas julgo util accentuar, que é uma falta de tal gravidade, que faz perder a quem a pratica, a classificação rigorosa de verdadeiro *homem de bem*.

E julgo util tambem registar os procedimentos, que caracterizam, em meu entender, as variadas especies da grande familia do *falso homem de bem*, que a sociedade ainda tolera como legitimo, sem lhe fazer desmerecer a classificação de cavalheiro digno, e conferindo mesmo por vezes aos mais audazes, consideração elevada, subidas honras, altas dignidades, pingues beneficios, chegando até a prestar a um ou outro dos mais destemidos e arroçados, culto de veneração.

O fundamentalmente *falso homem de bem* é sempre, em regra, um *habil*; mas a educação incompleta e imperfeita, tão vulgar, torna insensivelmente em inconsciente falso homem de bem muita gente, que a muitos respeitos é digna de estima e consideração, e que vive com a consciencia adormecida para o sentimento delicado e



«Te-Deum» nos Jeronymos em acção de graças pela victoria  
das armas portuguezas no sul d'Angola

Expedicionarios em marcha para a igreja  
(Cliché de A. C. Lima).

puro do *escrupulo* em fazer ou deixar de fazer certas cousas; e poderá chamar-se com mais propriedade — *imperfeito homem de bem.*

Façamos uma classificação:

A grande familia dos *sem escrupulos* abrange dois generos, cada um com duas especies, e dentro de cada uma d'estas ha muitas variedades.

1.º Genero — O do **Imperfeito homem de bem**, com as seguintes especies:

- a) — Por *inconsciencia, egoismo ou vaidade.*
- b) — Por *cynismo sem maldade.*

2.º Genero — O do **Falso homem de bem**, cujas especies são:

- c) — *Falso sem perversidade.*
- d) — *Perverso.*

Cada uma das especies tem innumeradas variedades, que se distinguem no 1.º Genero pelo grau de capacidade pessoal para sentir as *delicadezas do espirito* na especie a) e para o *cynismo* na especie b); e no 2.º Genero, para a especie c) pelo grau de *deslealdade* de que o individuo é capaz; pois ha quem seja capaz de uma *mentira* para satisfazer uma cobiça ou ambição, e ser incapaz de causar a alguém um prejuizo sensivel; como ha quem tenha carencia de *escrupulos* e seja prompto e delicado para *fazer o Bem*. Na especie d) tambem ha variedades de *perversidade*: assim ha quem propositalmente faça perder para seu proveito grossas quantias a alguém, e é incapaz de o desgraçar; como ha quem seja capaz do mal até ao sacrificar a vida de alguém, ou de muita gente, para o exito das suas cobiças, das suas vinganças e de ambições deshonestas.

Escusado é dizer, que cada especie é capaz de todos os procedimentos, que caracterizam as especies anteriores em grau de maldade; e o ultimo grau de ferocidade do falso homem de bem perverso é capaz de todas as maldades e de todas as vilanias; mas differencia-se do *maleado vulgar* porque não tem coragem para praticar o *roubo vulgar*, nem para assassinar por suas mãos; e muito menos de faltar á correção de maneiras e a todos os deveres da boa sociedade. E', por isso, talvez mais perigoso do que o criminoso de raça. Verdade é, que offerece uma vantajosa segurança para quem experimentado e sagaz lhe descubra os propositos: retrahir-se ha com explicações, que, não convencem, e tolfem a premeditada victima de proceder policialmente, mas o prejuizo não se pra-

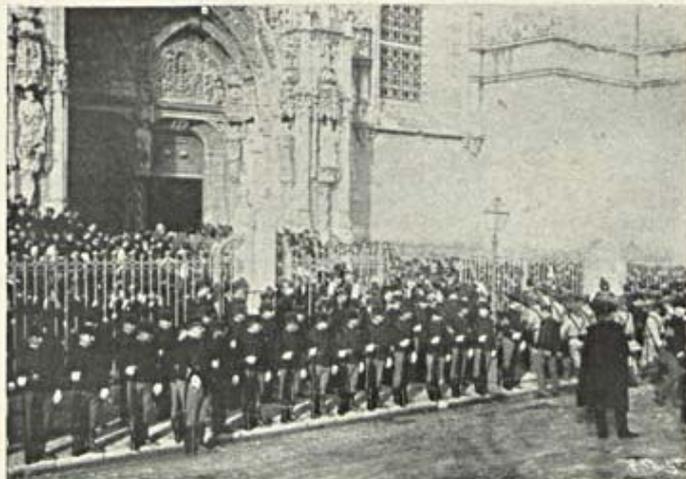
paternalmente da ingenuidade dos sonhadores de um mundo melhor.

Possue em geral a argucia precisa para saber em seu proveito tirar partido da imperfeição social.

A balança da sua justiça tem por fiel o *empenho*, que é um valor adquirido; e a *Probidade* é para elle uma cousa, que se amolda ás circumstancias geraes e fortuitas.

O *vulgar homem de bem* é, pois, um individuo, cujos *escrupulos* são elasticos, dentro dos limites cuja variação determina as especies varias do *denominado* homem de bem; e todas provenientes da falta de uma educação moral, que vinque na consciencia meticulosos principios indeleveis, de honra, de pundonor, de justiça e de lealdade; e sobretudo a noção primorosa do *Dever*, e tão sentida, que a propria consciencia fique juiz implacavel no fóro íntimo.

tica. O falso homem de bem também se não confunde com o cavalheiro de industria. Longe d'isso. E' incapaz de praticar actos, que o deslustrem sem defeza á luz do sol; é para o seu meio um verdadeiro gentleman, fino, acariciador e, sobretudo, insinuante; ou altivo, so-



«Te-Deum» nos Jeronymos em acção de graças pela victoria das armas portuguezas no sul d'Angola

Os expedicionarios entrando na egreja

(Cliché de Benolle).

berbo e sabendo-se impôr e dominar; e é frequente vêl o venerado por uma coterie, que o respeita e admira. Passemos a definir caracteristicos:

A — Procedimentos sem preocupação do mal consequentear acterizando o imperfeito homem de bem, por inconsciencia, egoismo ou vaidade.

A indiferença pelo Bem Publico e pelos prejuizos do Estado, e por tudo que não se relacione com o seu proprio interesse; o servilismo e a cortezania, que por fraqueza ou lisonja, se presta a actos sem maldade propositada, mas prejudiciaes a alguém ou ao Estado; a pratica de tudo aquillo que o rigor da Lei não auctorisa, e se pôde fazer sem reparo de ninguém; o desprezar, calar ou dar

ao esquecimento serviços ou actos alheios para mais realçar os seus e até benemerencia, isto é, deixar de praticar aquillo que moralmente se traduz pela expressão — *dar o seu a seu dono* —; o desleixo ou esquecimento de acautelal o futuro da familia; o descurar por indolencia, desleixo ou indiferença o aproveitamento util da educação, que se esteja ministrando aos filhos ou tutelados, e o não lhes crear uma profissão, que lhes assegure o pão pelo exercicio de um mister util; a preguiça de trabalhar, de pensar ou de acção para accrescer por exforço proprio o bem estar e futuro da familia; o recorrer ao dinheiro alheio deixando a divida em esquecimento; a maledicencia por espirito de critica ligeira e irreflectida; o cumprimento imperfeito e ligeiro das obrigações contrahidas pelo mister, que se desempenha, seja official ou privado; a tolerancia de imperfeições, de desleixos e de abusos em obras e serviços em que se superentende, e de factos illegaes e de actos puniveis, não revestidos de maldade e contra os quaes podia intervir; etc. E tudo, em fim, que se pratica ou deixa de praticar, sem escrupulos de consciencia, por despreocupação, egoismo, desleixo, preguiça ou inercia, com prejuizo alheio, mas sem maldade propositada, nem deshonra.

B — Procedimentos conscientemente prejudiciaes, mas destituídos de má fé e sem propósitos de maldade, caracterizando o imperfeito homem de bem, cynico sem perversão.

E' na politica, o sacrificar aos interesses da grei ou de pessoas os interesses do Estado; é o gastar em desperdicios, ou auctorisal-os, os dinheiros da Nação; é a tolerancia de maus usos e abusos prejudiciaes ao interesse publico, etc. E' civicamente o fazer da politica fonte de beneficios a colher ou a distribuir; é o explorar o Estado em tudo, que se possa conseguir em proveito proprio sem caracter de roubo; é o deixar de pagar as contribuições que a lei impõe, illudindo ou subornando o fisco; é por parte de funcionarios do Estado, technicos e administrativos, o fazer, promover ou favorecer o desperdicio dos dinheiros da nação em *luzo insensato*, em bonitos pueris, em construcções futeis, delineando lindos projectos que deslumbram o vulgo e os inconscientes, quando seja para conquistar fama e gloriolas em paizes sem arte verdadeira, e também para lisonjejar e agradar a quem possa dispensar elevação social, consideração e beneficios, compromettendo inconscientemente perante a opinião publica, quem usufrue taes obras; ou, ainda como exemplo, o prejudicar gravemente o bom senso na restauração de velhos monumentos historicos, affrontando-os com pretenciosas modernices ou estragando a sua veneranda austeridade, contra a opinião de respeitaveis auctoridades technicas; é o não exercer a vigilancia e fiscalisação precisas, e facultar assim os roubos em fornecimentos e por todas as fórmias possiveis em obras publicas, etc.

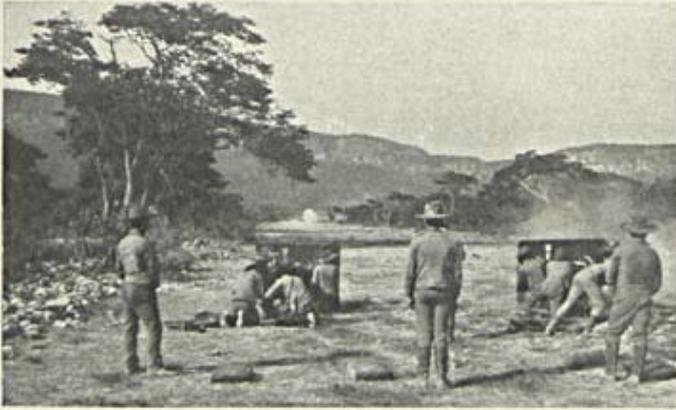
E' o attrahir alguém de modestos recursos a metter seus capitães em emprezas ou especulações de exito problematico sem lhe



Expedição ao sul d'Angola (1). — Grupo de sargentos que fizeram parte da columna expedicionaria

(1) São d'um dos expedicionarios os clichés que publicamos, referentes á expedição ao sul d'Angola, e foram-nos amavelmente cedidos por intermedio do sr. capitão Arthur de Miranda Lemos

fazer sentir os riscos que corre; é o explorar seus próprios talentos e situação politica para conquistar cargos rendosos do Estado e de grandes emprezas e companhias, cujos interesses podem até ser contradictorios; é a fraude no commercio de mercadorias não



Expedição ao sul d'Angola

Exercício de tiro com bateria Erhardt em Lubango

alimentares; é a exploração indigna do consumidor de objectos de importação, fazendo-lhe pagar com lucros fabulosos para o commerciante o que aquelle não pôde por si comprar no estrangeiro a baixo preço; é o contrahir dividas sem ter a certeza de as poder saldar, etc.

E', na familia, o gastar immoderado de quem não tem recursos de sobra para acudir ás necessidades e confortos do lar; o não dar

dos ingenuos para fins gananciosos com ardis seductores, que nunca podem criminalar ninguem, coonestada com a possibilidade do azar das eventualidades poder dar beneficio a perspicazes; a resposta desleal, insidiosa ou ardilosa, a uma informação pedida sobre o negocio que interesse quem a dá; é o addiamento propositado de resoluções para beneficio proprio com prejuizo alheio; a falta de cumprimento da palavra dada por não existir compromisso escripto, etc. E' o recorrer á amizade de quem se considere abastado, para haver dinheiro que se não pôde pagar; é o fazer julgar como proprias, ideias, factos ou resoluções meritorias ou distinctas, que outros tiveram ou praticaram; isto é, tirar, moralmente, o seu a seu dono; etc.

E' o fazer da Politica uma industria, e exploral-a em proveito proprio pela acção, pela palavra ou pela escripta; é o tirar dos cargos officiaes com ardis, que as não criminalam, receitas inconfessaveis; é a exploração do jornal com audaciosas falsas criticas de propositada má fé, embora destituídas de perversidade, para estimular a curiosidade publica e ter maior venda o jornal; é o excitar o espirito publico com apparentes propositos patrioticos para favorecer ambições pessoases sem graves consequencias; é o propor com consciente má fé, ideias generosas, impraticaveis ou inopportunas, para conquistar popularidade, etc.

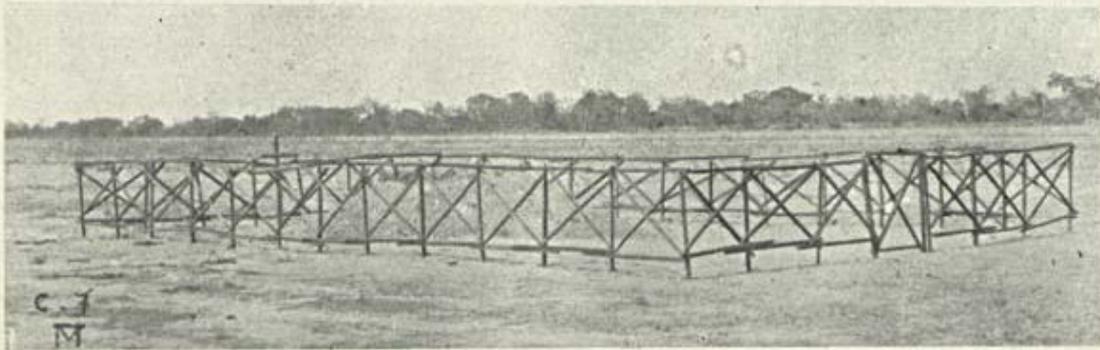
E' o disvirtuar de má fé actos e propositos honrados de quem quem quer que seja, etc. E', emfim, tudo que se premedita em prejuizo da causa publica ou dos interesses alheios, e deshonra virtualmente quem o pratica sem constituir acto perverso.

D) — *Procedimento de perversa má fé, que as leis facultam, caracterizando — o falso homem de bem perverso.*

E' em primeiro logar a *calumnia*, manejada e exposta por forma a não constituir crime punivel pela lei.

E' o perturbar a paz publica para d'ahi tirar proveito pessoal; o sacrificar a vinganças pessoases a ordem publica sem ficar criminalado pela Lei por usar de ardis, que a justiça não pode conhecer; é o enredar de má fé propositada para fins gananciosos, por todos os meios os mais vis, os negocios publicos, desacreditando a Nação.

E' o explorar a boa fé de uma confiança especial de alguém, e a ingenuidade dos inexperientes, afim de lhes arrancar capitaes para emprezas fundamentalmente ruinosas ou de existencia precaria,



Expedição ao sul d'Angola. — Sepultura dos expedicionarios fallecidos no combate de Mufla em 27 de agosto de 1907

educação aos filhos; o gosar largamente o presente sem acautelar o futuro, legando a miseria á familia por desleixo na vida, etc.

E' emfim, o praticar, tolerar ou auctorisar conscientemente qualquer coisa prejudicial e impraticavel por uma recta consciencia, mas sem quebra da honra pessoal, como esta é entendida no estado social actual.

C — *Procedimentos de consciente má fé que as leis não acautelam ou se*

para os sacrificar ao lucro de especulações lançadas; e ainda para se poder dar organização a emprezas ruinosas cujos fundadores teem lucros certos, etc., etc.; chegando n'este campo os procedimentos de gente tida e havida como da mais honrada e conscienciosa a cumulos de hypocrisia, de deslealdade e de perversidade.

E' o redigir e fazer divulgar relatorios conscientemente enganadores, fundamentados em opiniões de technicos interessados e

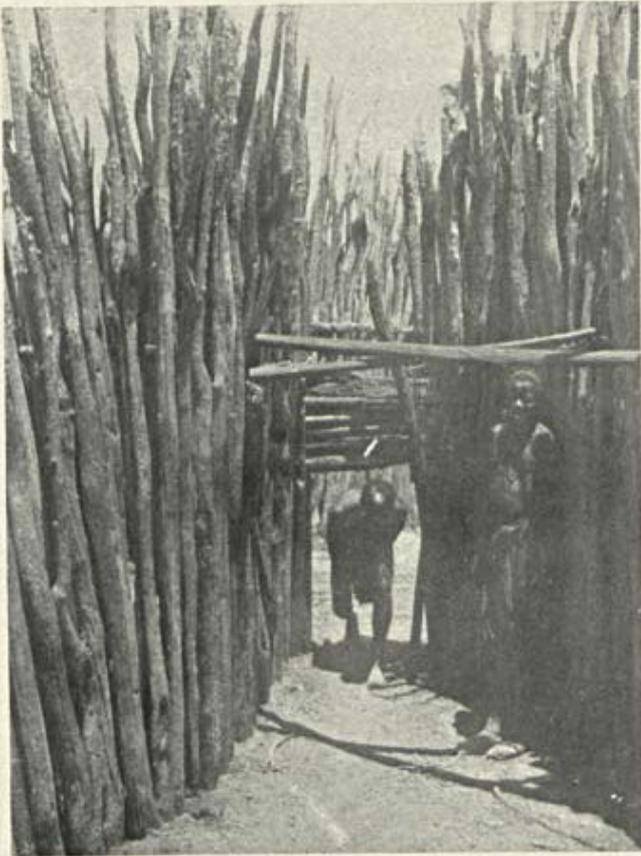


Expedição ao sul d'Angola. — O forte de Damequero

não podem praticamente punir, caracterizando o falso homem de bem sem perversidade.

E' em primeiro logar, a *deslealdade*. A seguir a *chantagem* disfarçada em patriotismo ou em zelo pelo Bem Publico; a exploração

com tal suggestão de lucros certos, que a sua propaganda é uma rede de arrastar á ruina até modestissimas economias, que vão lo-cupletar os fundadores da empreza relatada; é o seduzir o ingenuo, directa ou indirectamente por informações de má fé, a comprar ti-



Expedição ao sul d'Angola. — A embala do Cuamato Grande

tulos quasi sem valor, e que se fizeram artificialmente valorisar nas Bolsas justamente para os vender com lucros, etc., etc.

E' o desacreditar de má fé, injusta e vilmente, pessoas e cousas para vingarem interesses e ambições. E' a fraude na venda de generos alimentícios.

E', emfim, tudo que é praticado com perversa má fé para tirar-se lucro ou vantagem da ruina alheia, e não pôde ser provado como tal, ou o perigo do descredito é tão improvavel, que se corre esse risco para saciar cobiças, vinganças ou ambições.

Terei dito tudo? Não. Mas o que disse basta para demonstrar a necessidade de bem fazer sentir á consciencia do educando a noção completa e perfeita do que deve ser

### o perfeito homem de bem

e de a tornar objecto constante da educação desde o seu inicio na creança, ensinada, exemplificada e praticada pelas fórmãs apropriadas á idade e ás condições do educando. E na sua adaptação ao sexo feminino deve-se sobretudo fazer sentir ás educandas que a bondade é o dote mais primoroso da mulher.

O que em capitulo anterior desenvolvemos pretendendo demonstrar que para a educação só existem temperamentos a retemperar para o Bem, justifica a nossa absoluta convicção de que, de todo o homem sem tara fará a educação, como a entendemos dever ser feita para ser perfeita, um verdadeiro homem de bem, desde que a acção educativa de uma moral pratica se inicie ao alvorecer da razão na creança, e seja proseguida na adolescencia com habitos tão sãos de consciencia e tão enraizados, que a repugnancia de os contrariar se torne invencivel. E', porém, indispensavel, para assegurar o exito desejado, tornar o ensino da Moral uma pedagogia positiva, praticada e exemplificada por todo aquelle que, por dever profissional ou por dever paternal, exerça acção educativa; nunca perdendo n'esse sublime intuito todos os infinitos ensejos, que se oferecem a cada instante na realidade da vida.

PEDRO ROMANO FOLQUE  
Coronel de engenharia.

## A quinze dias de vista . . .

Letras que não obrigam a protesto

XL

Noite de Natal. *Pede-se desculpa de uma impertinencia.* — A loteria grande. *Considerações de um sujeito que comprou cinco mil e seiscentos de cautellas para obter da Misericordia. . . um cruzado.* — A «Zazá» em S. Carlos. *A opera. Um pormenor commovente de «mise-en-scène».* — Morte de Gonçalves Vivas. *Um original e um bom.*

Agora mesmo, a ultima badalada da meia noite fendeu a crassa neblina que cobre de um véu de lagrimas esta sempre alegre, sempre bemvinda noite de Natal! . . . Meia noite! E' a hora da consoada, da santa festa patriarchal, com luzes, com flores, com



Expedição ao sul d'Angola. — No Cuamato Grande. — A entrega da bandeira ao novo soba



Expedição ao sul d'Angola. — Construção do forte de Naluque no Cuamato Grande

risos, com lindos olhos de mulher humidos de felicidade, com boquinhas rosadas de creança sorrindo canduras.

Precisamente a esta hora a que começa uma festa em cada lar, eu sento-me á mesa de trabalho para registar fugidamente essa festa esquecendo, no meu labor, que já não me é dado tel-a . . .

Com isto, porém, é que tu, querido e egoista leitor, nada tens que vêr, não é assim? Eu sei, eu sei! Desfranse o sobr'olho que carregaste ao findar esse ultimo paragrapho. Eu não quero, meu velho e bom amigo, incorrer no teu desagrado nem falsear a alegre missão que me foi commettida n'este canto do jornal destinado á desenfatiada chronica da quinzena.

Vamos já a ella. E' um momento, apenas. O tempo sufficiente de enxugar uma lagrima.

Tem paciencia. Desculpa!

Tiveste a sorte grande?

Não tiveste, não. Coitado! Crê que te lastimo! . . . Decididamente, hoje, deu-me para te falar de coisas tristes! Ora quem me mandou recordar-te essa decepção da loteria do Natal? Evidentemente esta vesania de carpir as minhas proprias desventuras. E' que a mim também não me sahiu nada, sabes? Nada! De cinco mil e seiscentos réis de cautellas apurei quatro tostões. Vê tu!

Se eu te disser que com os meus cinco mil e seiscentos de cautellas me julgava victorioso, contando com a sorte grande na palma da mão, como um candidato a deputado que dispõe de cinco mil e seiscentos votos conta com uma cadeira no convento de S. Bento, não te minto. Pensei, como muito boa gente pensou, decerto, que cinco mil e seiscentos de cautellas de tres vintens, de numeros diferentes, garantiriam, não digo mais, mas uma perua decentesinha, d'estas peruasinhas para casa de pouca gente.

Mas qual! Com o meu cruzado não foi possível sequer obter um frango para afogar em arroz.

A gente sempre sofre cada desillusão! Esta, então, ha de lembrar-me sempre, mil annos que eu viva! Cinco mil e seiscentos de

cordia. Mas o sr. Pereira de Miranda é o provedor da Santa Casa, isto é, o distribuidor da Misericordia.

Pois pode limpar a mão á parede com a distribuição que fez!

Deus me perdõe e o sr. Pereira de Miranda também; mas se não houve uma escandalosa chapellada n'esta eleição, digo, n'este sorteio do Natal, féros macacos me mordam.

Consegui em uma d'estas noites ir a S. Carlos. Custou-me muito mas consegui. Recorri á protecção de uma potencia europeia e foi tal a habilidade do diplomata encarregado das negociações que afinal obtive uma varanda.

Ainda assim tive de apresentar certidão de idade, certidão do registo criminal, attestado do parcho ácerca do meu proceder religioso (a empresa é muito escrupulosa n'este ultimo artigo!) e fiador estabelecido. Dispensaram-me de um deposito de alguns contos de réis porque provei a minha aliás conhecida pobreza com attestado do regedor.

Por fim obtive das mãos poderosas do sr. Parra, camaroteiro, que estava sentado á mão direita do todo poderoso sr. Paccini, o almejado bilhete. Aceitei-o, paguei-o, com voz tremula esbocei um agradecimento que não conclui, commovidissimo por tanta municipalidade. Ampararam-me, porque ia cahindo para o lado com um vagado.

A' noite trepei ao meu logar, sentei-me e com o olhar magoado — como o phantasma do *Noivado do sepulchro* — olhei em roda e vi que estava cercado de policias secretos. Nunca julguei ser pessoa tão perigosa.

Cantou-se a *Zázá*. Uma *Zázá* de Natal, em perúa, dezazada . . .

Emfim, e como dizia o impedido do official da anedocta, aquillo, para paisanos, não esteve mau.

Mas se o desempenho da opera não me satisfez, devo declarar que a respeito de *mise en-scène* fiquei boquiaberto.

Imaginem: em casa da *Zázá* apparece o tapete de madame Dufresne!



Expedição ao sul d'Angola. — A cavallaria sahindo da embala do Cuamato Grande

cautellas de tres vintens, de numeros diferentes, são noventa habilitações á sorte grande. Nada mais natural que sabir-me, em taes circumstancias, a sorte grande. Depois, como se sabe, n'estas e n'outras emergencias, a fé é que nos salva. Pois, leitor amigo, eu tinha uma d'estas fées de se lhe tirar o chapéu. Só a minha fé equivalia a todos os numeros do Campião.

Pois nem a grande, nem a immediata, nem as approximações, nem as terminações! Apenas duas tristes cautellas com o mesmo dinheiro.

Ah! o sr. Pereira de Miranda! o sr. Pereira de Miranda! Com franqueza, nunca esperei isto de s. ex.ª! Eu bem sei que a loteria não é do sr. Pereira de Miranda mas sim da Santa Casa da Miseri-

Intrigado, indaguei. Vim então a saber, que o sr. Paccini, no louvavel intuito de satisfazer os espectadores que gostam das operas que acabam bem, conseguira uma modificação no *libretto* para uso exclusivo de S. Carlos: — *Zázá* entrega a madame Dufresne o marido e como compensação recebe o tapete.

Commovedor — e equitativo.

Os jornaes noticiaram, ha dias, a morte de Manuel Gonçalves Vivas.

Lisboa inteira conheceu este homem que, na simplicidade da



Expedição ao sul d'Angola. — No Cuamato Grande. — O 2.º esquadrão de dragões na data d'agua

sua vida e da sua apresentação, conseguiu aquillo que os outros só conseguem a custo de muita complicação (chamemos-lhe assim) e do seu ridiculo exhibicionismo: ser um original.

Eu conheci-o, durante vinte annos, sempre o mesmo: com o bigode sempre grisalho, o frak sempre cossado, o côco sempre amolgado, a luneta sempre tremelicante, o palito sempre na bocca e a bocca sempre a dizer:

— Olá! Olá! Como está!

Era pobre, pobrissimo — e coisa singular! — era essa pobreza a sua unica alegria. O contemporaneo chamar-lhe hia um maluco; outros o teriam como philosopho.

Tendo recebido, por morte do pae, alguns contos de réis, distribuiu-os por estabelecimentos pios, e lançou-se na batalha da vida sem vintem do pé de meia paterno, com a sua manga de alpaca, o seu bigode grisalho, o seu frak cossado, o seu côco amolgado, a sua luneta tremelicante, o seu palito na bocca e a bocca sempre murmurando:

— Olá! Olá! Como está!

Quando isto se soube, chamaram-lhe tolo. Verdade seja que alguns houve, poucos, que lhe chamaram bom.

Assim viveu trinta annos. Foi burocrata por officio e foi bom homem por indole. Durante esses trint'annos almoçou um pãozinho de bico com pouca manteiga e o refervido chá de um velho bule — não todo, porque uma certa quantidade do liquido era destinado ás nodoas do fato. Dava seis horas da sua humilde vida á burocracia, engulia um magro caldo e elle ahi ia secretariar todas as associações de soccorros mutuos que enxameiam Lisboa. Como já não tinha dinheiro para lhes dar, dava-lhes o seu trabalho.

Por isso espiritos fortes o consideravam um pedaço d'asno. Verdade seja que alguns, muito poucochinhos, o julgaram uma nobre e generosa alma.

Até que, um bello dia, não appareceu na repartição. Procuraram, indagaram. Ninguem vira n'esse dia passar pelos logares do costume o Gonçalves Vivas com o seu bigode grisalho, o seu frak cossado, o seu côco amolgado, a sua luneta tremelicante, o seu palito no canto do bocca sorridente, murmurando:

— Olá! Olá! Como está!

Estava no hospital de S. José. Agonisava. E no meio da tortura horrivel da sua agonia, pedia que embrulhassem o seu cadaver n'um lençol e assim o lançassem á vala.

Isto soube-se. Muitos, compadecidos, lhe chamaram lunatico. E eu estou em dizer que elle era um santo.

E' uma hora e trinta e cinco minutos da madrugada. Boa noite — e muito boas festas!

CAMARA LIMA.

## Lorjô Tavares

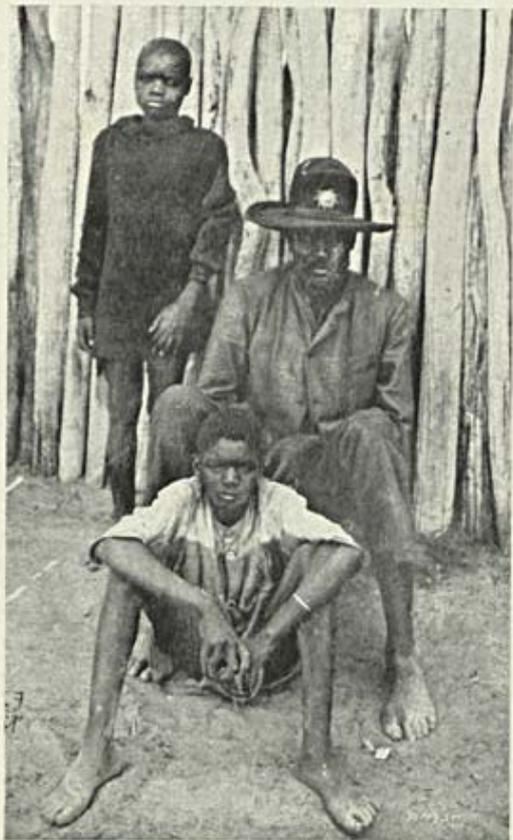
**O** Atlantique conduz n'este momento ao Rio de Janeiro um dos directores do *Brasil Portugal*, Lorjô Tavares.

Ao que por alguns mezes vae ser hospede do Brasil não é desconhecida a população fluminense nem a grande cidade por onde ella se desdobra, não obstante ir agora encontra-la mais aformoseada por vastas arterias, formosas avenidas, vicejantes jardins e sumptuosos palacios, que fizeram do Rio de Janeiro uma das mais encantadoras cidades do globo.

Entre brasileiros e portuguezes conta amigos provados o director do *Brasil-Portugal* que junto d'elles e de todos que se interessam pelas coisas portuguezas vae renovar a propaganda que vem de ha nove annos — que tantos são os da existencia d'esta Revista — a favor de um absoluto estreitamento de relações entre os dois paizes que teem a mesma origem e falam a mesma lingua.

Agora que todo o Brasil está jubilosamente preocupado com a proxima visita do rei de Portugal, torna-se necessario, mais que nunca, unir os laços, apertar os elos, de relações, de affectos e de interesses, que ligam Portugal á vastissima nação sul-americana.

Esta illustração pretende acompanhar de perto o movimento que na capital brasileira se opera dia a dia no sentido de acolher e cercar de attractivos a visita regia. Lorjô Tavares vae colher em flagrante as impressões da actividade que já está sendo posta em pratica pelos elementos officiaes e pela nossa laboriosa colonia, e o *Brasil-Portugal* terá o ensejo feliz de reproduzir, na prosa e na



Expedição ao sul d'Angola

O guia Calpalulua, seu sobrinho e um dos seus servos

gravura, tudo o que dê a nitida impressão do que vai ser a recepção grandiosa feita ao rei de Portugal. Elle será ao mesmo tempo o portavoz do nosso contentamento nacional por esta excepcional visita de um soberano portuguez á terra em que os seus ascendentes tiveram a supremacia hierarchica e o culto popular; elle dirá de viva voz a todos os brasileiros que não ha nação mais amiga do Brasil que Portugal, e a todos os portuguezes affirmará que a patria distante presta a homenagem do respeito e da saudade aos seus filhos que longe d'ella procuram augmentá-la pelo valor e pelo trabalho.

Desde o primeiro numero até hoje, outro não tem sido o criterio do *Brasil-Portugal*, este continuará a ser, e fiamos que da propagação no mesmo sentido, como Lorjô Tavares sabe faz-la, achando-se com toda a vontade e todas as forças para renová-la, só resultará para o *Brasil Portugal* o robustecimento do seu credito.

## A festa da arvore

A emocionante e imponente festa que n'uma das mais bellas avenidas de Lisboa acaba de se realisar, é, felizmente a primeira de uma larga serie, o inicio de outras, algumas das quaes já annunciadas, que, na capital como nas provincias, hão de ir mostrando a pouco e pouco que em Portugal conseguiu — enfim! penetrar o espirito civilizador da época.

Não é novo, vem mesmo de longe o culto da arvore, poucas são as nações da Europa, em que ella não attinja as proporções de uma



A festa da arvore

religião amorosa e pantheista, e comtudo, pode dizer-se que elle não-tinha caminhado até nós, que só davamos pela existencia da arvore quando precisavamos limpá-la dos fructos.

Foi portanto edificadora, bella, commovente, a festa que em gravura hoje celebramos, e bem andaram em tomar directamente parte n'ella os elementos officiaes, que assim provaram não ser refractarios ao culto do bello.

## Politica internacional

Deixa uma indizível impressão de tristeza, sob o ponto de vista da politica internacional, o anno que hoje finda. Não ha duvida que aqui ou alli brilhou fugazmente, algumas vezes, a esperanza de um melhor futuro. Mas logo escuras nuvens de novo se condensaram, apagando a tenue claridade que despontava no horizonte e convertendo em amarga desillusão os generosos anseios, que tantos acalentavam. Foi o que succedeu com a segunda conferencia da Haya, convocada pela iniciativa do presidente Roosevelt, entre os hosannas entusiasticos do mundo inteiro, e dissolvida tristemente em meio da indifferença geral, depois de ter sido condemnada pelos proprios que n'ella tiveram papel mais proeminente, mas que, como o sr. de Nelidov, seu presidente, não puderam abafar a voz da verdade.

Das duas questões capitaes que ella devia resolver — a limitação dos armamentos e a arbitragem obrigatoria — nem uma sequer logrou obter a adhesão das potencias, podendo até affirmar-se que a posição de qualquer d'ellas ficou mais compromettida do que antes da solemne reunião dos plenipotenciarios. Foi um lamentavel insuccesso que, por muito tempo, arredará essas duas questões da tela da discussão, pelo menos por parte das chancellarias.

Passando em rapida revista os successos occorridos nas diferentes nações da Europa e da America, e aparte uma ou outra excepção, a impressão de desanimo é a mesma. Sente-se que estamos n'um periodo de reacção em quasi todos os dominios, e que nem individualidades nem nações já se lembram d'esses ideaes levantados, que fizeram palpitar o coração de nossos paes e que no principio do seculo findo inscreveram inolvidaveis paginas de liberdade na historia de todos os povos cultos.

A começar pela nossa vizinha Hespanha o espectáculo é quasi o mesmo por toda a parte, e a não ser em França, onde o ministerio Clemenceau, graças ao extraordinario valor do seu chefe, se tem affirmado com toda a energia o defensor dos principios radicacs, que na opposição apostulou, nas demais nações europeias e até nos Estados Unidos, o movimento de reacção governamental é manifesto. Em Madrid, depois da tentativa fallhada dos diversos ministerios liberaes, é chamado ao poder Maura, o representante do conservantismo catholico. Na Italia Giolitti faz a inesperada evolução para a direita, pactuando com o Vaticano, não obstante os protestos vehementes que, de norte a sul da peninsula, pedem o regresso á politica anti-clerical, tradição commum de todos os partidos constitucionaes. Na Allemanha dissolve-se o Reichstag, *ad odium* para com os socialistas, e das novas eleições, pela primeira vez abertamente patrocinadas pelo governo do imperio, sae o bloco liberal conservador para apoiar todas as medidas reacconarias, que ao sr. de Bulow lhe aprouver apresentar.

Na Russia a reacção governamental está momentaneamente vencedora. Apesar de todos os atropelos commettidos contra o corpo eleitoral, a segunda Duma sahio das urnas tão liberal como a primeira. Tanto bastou para que por seu turno se procurasse um pretexto para a dissolver tambem. Novamente se modificou a lei eleitoral, novas violencias, ainda maiores do que as anteriores se commetteram, e por fim conseguiu o governo do sr. Stolypin uma Duma, tal como a autocracia a desejava, isto é, sem individualidade, prompta a chancellar com o seu voto todas as ordens que, em nome do poder e sob o titulo irrisorio de leis, lhe forem dadas.

Na Inglaterra, se não se póde dizer que a orientação governamental seja reacconaria, é comtudo certo que a acção reformadora do partido liberal está inteiramente paralyzada por motivo da opposição que lhe move a censura dos lords contra a qual até hoje, para a demover da sua attitude, o sr. Campbell-Bannerman só tem tido ameaças platonicas. Mas nos Estados-Unidos a reacção governamental é manifesta. Intencionalmente ou simplesmente levado a isso pelo seu temperamento dominador, o sr. Roosevelt tem pouco a pouco absorvido uma tal somma de poderes constitucionaes, antigamente apanagio de outras entidades do estado, que não existe hoje em dia monarchia, por mais absoluto que seja, o qual em si encontre tão discricionaria força. O facto de esta força ser utilizada para uma honestidade a toda a prova e para fins de um alto patriotismo, em nada altera a essencia da usurpação.

Assim, reacção por toda a parte, nas monarchias e nas republicas, nas grandes potencias e nos estados de segunda ordem. N'algumas d'estas nações o retrocesso politico é o resultado de uma idiosyncracia de raça. N'outras tem apenas por causa uma especie de contagio que tudo vai invadindo.

Mais ainda do que na vida interna dos povos é, porém, nas relações dos diferentes estados entre si que a reacção se manifesta em toda a sua desfaçatez. Confrange o coração ler uma pagina de historia da Europa do segundo quartel do seculo XIX e compará-la com o que se passa hoje a quasi cem annos de distancia. Então libertava-se a Grecia do jugo ottomano, preparava-se a emancipação da Italia do jugo austriaco, e saudava-se com hymnos triumphaes, desde Vianna até Berlim, a revolução de 1848 que Lamartine, em inolvidaveis palavras, ia apresentando aos delegados dos diferentes povos vindos em sagrada romagem a Paris de todos os pontos do continente. A Allemanha, electrizada pelas inflammadas estrophes dos seus poetas, e fazendo um programma dos humanitarios ideaes do divino Schiller, reunia-se em Frankfort e d'ahi, livre da tyrannia dos seus principes e dos seus gran-duques, lançava as bases da grande unidade allemã pela fraternidade e pela democracia. N'essa época a palavra d'ordem era — liberdade — para os indivi-



A festa da arvore

(Clichés de Benoit).

duos e para as nações. As chancellarias não desdenhavam então occupar-se da sorte dos povos, como a da positiva Inglaterra que á voz de Canning se fazia a alma da triplice alliança que ia dar uma patria aos escravizados filhos da Heilade. Mais de cincoenta annos depois tudo mudou! Não se libertam novas Grecias, mas assiste-se impassivel ao assassinato politico de raças inteiras na Armenia e na Macedonia. Não se reúnem as potencias para decretar codigos de justiça internacional, mas mancomunam-se para talhar esferas de influencia na *anima vili* das nações, que se não podem defender. O respeito pela vontade nacional é tara de sentimentalismo de que procuram libertar-se os estadistas mais em evidencia do seculo xx. Por isso o mundo assiste espantado á apresentação de um projecto de lei á dieta prussiana para á força arrancar da terra, que regaram com o seu sangue e ganharam para a civilização com o seu heroismo, os pobres polacos estabelecidos nas provincias orientaes do imperio germanico. Descaravavel reacção por toda a parte é o triste balanço do anno que finda, como já o fôra o do anno anterior, como o será naturalmente o do anno que está para vir. Por quanto tempo? Ninguem o pôde dizer. Mas se é certo que ha uma evidente conjunção entre os diversos factos sociaes, uma como que \*harmonia pre-estabelecida, entre a evolução mental de uma época e a sua exteriorisação nos phenomenos concretos da historia, começam a apparecer os indicios de que esta quadra de reacção politica, que vamos atravessando, vae ter o seu fim, voltando-se á tradição liberal de quasi cem annos atraz. Tambem na litteratura e na sciencia dominou ha algum tempo uma reacção utilitaria parecida, que no realismo e no sentimentalismo se affirmou com não menor audacia. E no entretanto esse tempo, para honra do espirito humano e para consolação de todos nós, passou para não mais voltar. Hoje ninguem em sciencia é materialista como o foi Büchner, e as modernas gerações litterarias já não podem escrever como Zola escreveu. Não quer isto dizer que voltemos ás phantasias metaphysicas do idealismo nem que tentemos ressuscitar anachronicamente os ideaes romanticos de nossos paes. Mas o espirito humano, progredindo sempre, está hoje de posse de elementos scien-

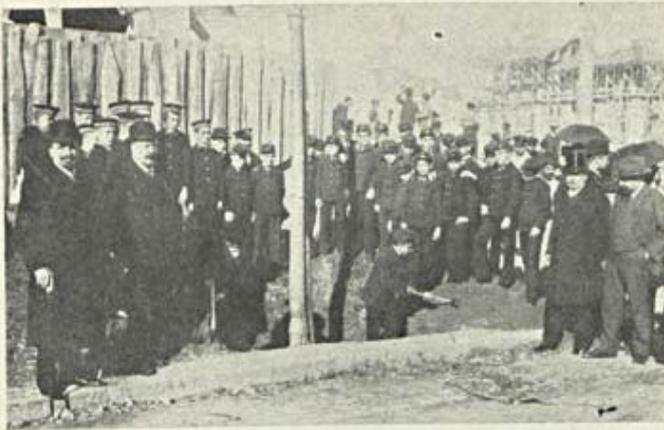
d'este grande dia, bem o sabemos. E por isso é com um sentimento de profundo desconsolo que fazemos na politica internacional o balanço do anno findo, e o confrontamos em pensamento com o que poderia ser se os homens que dirigem as nações actuaes fossem



A festa da arvore

menos egoistas e se convencessem que o unico titulo nobiliarchico, que a historia concede aos que lhe escreveram uma pagina, é o de haverem sido intemeratos defensores da liberdade e da justiça. Quantos no anno de 1907 são merecedores de tal titulo?...

CONSIGLIERI PEDROSO.



A festa da arvore

(Clichs de Benoitel)

tíficos e estheticos, que não conheceu a geração do auctor da *Força e Matéria* e do grande escriptor da *Nana* e do *Assomoir*. Porque não hão de tambem as gerações politicas actuaes, com mais adiantada noção da justiça social, dar fim ao empirismo governativo que hoje em dia caracteriza quasi todos os governos europeus, e inaugurar a época da verdadeira liberdade, que não exclue a consideração dos interesses utilitarios, na parte em que elles são função do progresso geral? Tudo leva a crer que assim acontecerá, e que a evolução que se está dando na sciencia e na litteratura se manifestará igualmente na politica interna de cada povo e na politica internacional.

N'esta ultima até, pôde dizer-se, que no anno, hoje prestes a findar, algumas tentativas se fizeram na moderna orientação. Tentativas modestas, realisadas como que a medo, incompletas mesmo sob a sua fórma de primeiro esboço, mas emfim tentativas para substituir o actual estado cahotico das relações entre os diversos povos por um equilibrio mais estavel e sobretudo mais justo.

Os tratados ou accordos franco-japonez e anglo-russo são dignos de menção especial entre as convenções que se realisaram no anno, cujo ultimo dia hoje passa. Obedeceram, não ha duvida, estes dois tratados na sua economia interna a outras preocupações; vem ambos elles inquinados, principalmente o ultimo, do meio de origem que presidiu á sua elaboração; proclama o realisado entre a Russia e a Inglaterra, principios contra os quaes se deve revoltar a consciencia universal, como esse que permittiu a determinação das duas \*esferas de influencia, na Persia, paiz independente e de cuja vontade terceiros não podem dispôr sem o consentimento d'elle... Mas se se attender á situação internacional que os dois accordos vieram regularisar, se se pensar que semelhante situação por mais de uma vez esteve para desencadear temerosos conflictos, cuja extensão ninguem poderia prever, mas que assignalariam a area da sua explosão por catastrophes irremediaveis, temos de vêr n'elles um progresso onde, embora tenuemente, luz a primeira aurora de um dia novo... Ha de levar tempo a estar alto o sol

## Dr. Constantino Nery



É uma das figuras prestigiosas do norte do Brasil o governador do Amazonas, actualmente em Lisboa. Engenheiro, official de Estado maior, e governador de um dos mais prosperos e amplos Estados do Brasil, é ao mesmo tempo um amigo provado da vasta colonia portugueza que habita a cidade de Manaus. Se outras muitas não houvesse, esta razão seria de sobejo para justificar a modesta homenagem que n'esta pagina hoje tributa ao dr. Constantino Nery o «Brasil-Portugal».

## Supplica...

(PAGINA MORTA)

Sabes o que ha na Vida de mais puro?  
E' o sentimento que p'ra Ti me arrasta,  
Queimando o olhar nas trevas do Futuro.

Quero roubar-lhe a escravidão nefasta,  
Quero arrancar-lhe a multidão de espinhos,  
Comtudo. . . eu sei que o meu Amor não basta!

Mas basta a luz, suave de carinhos,  
Que o teu sereno e fino olhar derrama,  
Olhar tão puro como a flor dos linhos...

Transforma em beijos, pois, a doce chamma  
Que scintilla em teus olhos, meigos astros,  
E dá-me a paz suave de quem ama ...

Beijos de luz... estrelas... alabastros  
Que hão de, florindo, illuminar a estrada,  
Onde feliz te seguirei de rastros...

Hei de sangrar os labios minha amada,  
Bebendo o fel e as pedras affagando  
Para que assim não sejas Tu magoada!

O Anjo do Amor irá desenrolando  
Por sobre nós as azas vaporosas  
E em turbilhões de luz te irá levando...

E eu, pobre escravo, irei semeando rosas,  
E beijarei as pedras que pizares  
Com teus vestidos de ondas luminosas..

Mas dá-me a paz serena, Anjo dos Lares,  
Que a planta bebe a gotta crystallina,  
Que as pedras sentem só de lhes tocares:

Paz do amor... Paz mysterio... Paz divina!

Horta — Dezembro, 1907.

**Manoel Rosa.**

## ASSUMPTOS RELIGIOSOS



Santa Magdalena

QUADRO DE FRANCESCO GESSI

## Proverbios dinamarquezes

O dente morde na lingua e todavia vivem juntos.

—

Antes a creança chore do que a mãe suspire.

—

O trabalho tem uma raiz que amarga — mas uma flôr que sabe bem.

—

Antes o mundo te conheça como peccador do que Deus te conheça como hypocrita.

—

O pé do dono extruma o campo.

—

Pae e mãe são bons, mas Deus é melhor.

—

Belleza sem virtude, rosa sem cheiro.

—

Paciencia excede sapiencia.

—

Se a barba fosse tudo, podia o bóde prégar.

—

Ovos e juras são feitos para quebrar.

—

Não mates mais do que podes salgar.

## Feia!

Quando ella triste e lastimosa passa,  
Postos no chão os olhos magoados,  
O seio magro, os braços descarnados,  
Tal como a imagem viva da desgraça;

Um ar de riso impiedoso esvoaça,  
Chamam-lhe feia e troçam-n'a — malvados  
Sem dó d'aquelles modos resignados  
Com que ella veste a dôr que a despedaça.

Pobre creança! Deus que assim te fez  
Tão cruelmente feia, foi talvez  
Para esconder um lindo coração.

Onde a belleza vive mysteriosa,  
Como uma rara joia preciosa  
Occulta n'um pedaço de carvão.

Gomes Sanches.

## Theatros

**D. Maria**, João Maria, *Irmãs*, *Zepha*. — **Rua dos Condes**, *Ou vae... ou racha*. — **D. Amelia** — **Trindade** — **Principe Real**. — **Gymnasio**. — **Avenida** — **Colyseu dos Recreios**, *o Raku*.

Não obstante estarem funcionando todos os theatros de Lisboa, apenas deram espectaculos novos **D. Maria** e a **Rua dos Condes**.

No primeiro tres peças se representaram: *João Maria*, de Theuriet, traducção, em verso, de André Brun; as *Irmãs*, com personagens todos femininos, de Gaston Dévore, vertida por S. M.; e a *Zepha*, original, n'um acto, de Maximiliano de Azevedo.

O *João Maria* accusa mais qualidades litterarias que theatraes, tendo a vantagem de mostrar a aptidão de Brun para a factura do verso. N'essa comedia, confiada a Luiz Pinto e Araujo Pereira, es-

treiou-se uma actriz, Maria Mattos, que revelou boa disposição para a scena.

Anna Pereira, que cria uma individualidade em cada papel que representa, Augusta Cordeiro, Palmyra Torres e Jesuina Motilli, encarregaram-se dos quatro papeis femininos das *Irmãs*, e conseguiram dar relevo aos personagens de uma acção que, sem ter verosimilhança, tem por vezes interesse e brilho.

Das tres novas peças, a que mais agradou foi a original de Maximiliano de Azevedo. A *Zepha* é um episodio historico, trazido para o theatro com a proficiencia reconhecida no auctor de varios trabalhos de sua lavra e de um sem numero de traducções theatraes. Agradou pelo interesse da acção, pelo valor do dialogo e pela originalidade das figuras.

Deu a *Zepha* ensejo a apparecer pela primeira vez ante o publico uma rapariga de talento: Aura Abranches, filha de Adelina, a organização artistica mais completa que tem hoje o theatro portuguez. Nunca mais applicavel se tornou o velho rifão: filho de peixe sabe nadar. E' que Aura Abranches revelou uma tão accentuada aptidão para a scena que a todos que a teem visto fez antegostar o prazer de applaudirem dentro em pouco uma actriz completa. Não podiam as premicias ser mais auspiciosas, nem, que nos lembre, assistimos a estreia de um artista que, em tão pouca idade, tantas qualidades reuna.

E' esta a distribuição da *Zepha*:

\*Mariquinhas,, Aura Abranches; \*Genoveva,, Anna Pereira; \*Zepha,, Adelina Abranches; \*André,, Ignacio; \*Padre Manuel,, Joaquim Costa; \*João Pereira,, Araujo Pereira; \*João Braz,, Pinto Costa; \*2.º liberal de Lamego,, Francisco Mendonça; \*Monteiro,, Antonio Costa; \*1.º liberal de Lamego,, Conceição e Silva; Varios liberaes de Lamego. A acção decorre em outubro de 1834, n'um paul perto de Castro Daire.

*Ou vae... ou racha!* é o titulo da revista actualmente em scena na **Rua dos Condes**. O seu auctor é um novo: Celestino da Silva, mas revelando tão grande vocação para o theatro, que, n'este genero, pode dizer-se sem favor: chegou, viu a venceu.

E' um trabalho completo, pelo decorrer da acção, pela abundancia dos ditos espirituosos, pela propriedade da linguagem, pelo feliz aproveitamento dos factos e episodios decorridos.

Tivesse a companhia da **Rua dos Condes** entre os seus artistas nomes prestigiosos, d'aquelles que dão cunho e estão de posse do publico, e a nova revista, podemos affirma-lo, teria um exito colossal. São modestos as artistas que a desempenham, mas injustiça será não salientar o que entre elles se distinguiu: o actor Eusebio, que disse e representou muito bem o seu papel de *Sola grossa*.

Peixoto, Isabel Costa e outros ainda, houveram-se o melhor que puderam e foram applaudidos.

As scenas de Eduardo Reis e a musica de Luiz Junior completaram o trabalho original do sr. Celestino da Silva, e o publico d'estas noites tem calorosamente applaudido auctor, maestro, scenographo, empreza e artistas.

E pelos outros theatros? No **D. Amelia** a *Casa em ordem* tem sido a *ordem* do dia, antes e depois da Réjane. Augusto Rosa e Lucilia Simões, figuras de destaque na peça de Pinero, teem sido alvo dos mais prolongados e justos applausos.

Das duas *Madame Déclausse*, em que reapareceu Angela Pinto, falaremos no numero immediato.

Na **Trindade** não sabemos quantas semanas já conta a *Semana dos nove dias*, e, pelo que se está vendo, nem facil é calcular, se ainda d'aqui a nove annos estará em scena a applaudida magica-revista.

No **Principe Real**, a maravilha das revistas da época *O' da guarda*, apesar de macrobia, accusa dia a dia uma mocidade triumphante; no **Gymnasio** por tal maneira o Valle se fundiu no *Pinto calçado*, que Calçado e Valle são *duo in carne una* e o publico todas as noites ri e applaude entusiasticamente o artista que mais gargalhadas lhe arranca.

No **Avenida**, novos quadros dão constantemente vida e seiva á revista *Pr'a frente*, e especialmente o dos cuamatatas, que os expedicionarios teem applaudido com entusiasmo, reforçado pelo publico.

E no **Colyseu dos Recreios**, finalmente, o famoso *Raku* prova todas as noites que em terra e mar são invenciveis os japonezes, e que nem é preciso ser uma nação extensamente vasta para dominar as mais fortes do mundo, nem é preciso ser um hercules para esmagar todos os hercules que lhe appareçam. *Raku* é bem a imagem do Japão; e é por isso que o publico do **Colyseu** lhe manifesta a sua admiração e os seus applausos todas as noites.

# THEATRO DA TRINDADE.— A semana dos nove dias

Opereta-magica-revista em 3 actos, original de Ernesto Rodrigues e Felix Bermudes



Primeiro acto



(Clichés de J. Fernandes — Lisboa).

Terceiro acto